



Mobilidades e etnografias possíveis: entre migrações, refúgios e trânsitos diversos

Andréa Lobo
Universidade de Brasília

O presente dossiê reúne trabalhos de estudantes de graduação que desenvolveram análises de eventos sociais a partir da perspectiva dos fluxos e das circulações de pessoas. Os movimentos que são foco dos artigos que seguem se inserem nos debates sobre dinâmicas migratórias e nascem dos diálogos estabelecidos ao longo do segundo semestre de 2017, no contexto do curso intitulado Antropologia das Migrações. O curso abordou discussões clássicas e contemporâneas referentes aos fluxos migratórios por meio da leitura e debates sobre artigos, ensaios e etnografias. O enfoque temático foi no movimento diversificado de pessoas e nos consequentes processos de circulações de coisas, informações, ideias, símbolos e valores que o acompanham. Tais fluxos foram

observados em diferentes escalas – local, nacional, global – por meio de discussões que nos possibilitaram perceber e dar conta da profundidade histórica das experiências de circulação e de provocar um novo olhar sobre a articulação entre esses movimentos e a delimitação de limites socioculturais de tipos variados.

Conforme será visto nas contribuições que seguem, partimos da perspectiva de que pensar realidades sociais pela via dos trânsitos pode se constituir como ferramenta profícua para colocar questões antropológicas diferenciadas à determinados contextos aos quais nos debruçamos para empreender nossas análises. Explorar e desenvolver essa dimensão é o objetivo de meu artigo e, de modo geral, foi a proposta que orientou todos os

trabalhos reunidos neste dossiê. Desde já alerto que não pretendo desenvolver uma reflexão em torno dos princípios epistemológicos ou dos fundamentos teóricos e históricos de nossa disciplina em sua relação com perspectivas que incorporam ou não as dimensões de movimentos e circulações. Meu interesse recai nas potencialidades metodológicas (entendidas de forma ampla) que o renovado interesse de antropólogos pelos múltiplos movimentos na atualidade nos trouxe. Em outras palavras, meu objetivo é refletir sobre os desafios, problemas e indagações que, a partir de agora, seremos capazes de levar para a pesquisa de campo.

Meu argumento se origina em duas questões: será que passamos para uma nova etapa de organização intra-social ou intersocial na qual a circulação de coisas, pessoas, valores desempenha um papel mais crucial? No que concerne aos debates específicos sobre migrações, tal categoria social seria traduzível enquanto um conceito sociológico capaz de lidar com a diversidade inerentes a tais fluxos?

Enfrentando a primeira questão, podemos sinalizar que sim, a sociedade contemporânea poderia ser definida pelos ditos fluxos globais de diversas ordens e em escalas que impressionam. Considero ser uma suposição plausível a de que estamos numa

etapa do “capitalismo”, da “industrialização” ou da “modernidade” suficientemente nova e distintiva para justificar novos conceitos e categorias que reorientem nossa atenção (HANNERZ, 1997). Mas me aproximo de Featherstone (1990) quando se vê obrigado a enfrentar a possibilidade de que não foi a “realidade” que mudou, mas sim a nossa percepção dela. Como dizia Weber “cada qual vê o que está no seu próprio coração”. Uma mirada diacrônica em nossa disciplina pode ajudar a considerar esta possibilidade, esse é o objetivo da próxima sessão.

Tal contexto mais geral sobre o lugar dos fluxos nos possibilitará refletir sobre minha segunda provocação, que tem a ver com vocabulário: os conceitos, seus limites e possibilidades. A categoria migrações, quando utilizada como ferramenta analítica e transformada em conceito sociológico, tem sido alvo de reflexões de estudiosos desde os finais dos anos 1990. Meu objetivo é resgatar brevemente o debate e as saídas possíveis, bem como pensar possibilidades analíticas que deem conta da complexidade que tal conceito pretende abarcar. Quais os limites e possibilidades de um conceito, essa é uma questão que deve estar sempre em nosso horizonte.

Sobre os fluxos e suas novidades¹

Um olhar sobre alguns trabalhos considerados emblemáticos em nossa disciplina permite notar que os movimentos de pessoas, coisas e valores sempre foram questões concretas para a antropologia. Se recuamos no tempo temos a corrente difusionista, basicamente assentada na perspectiva de fluxos, trocas e circulações; se lembramos de etnografias clássicas que também lidam com realidades de troca e circulações, impossível não lembrar do circuito do kula (MALINOWSKI, 1976); seguindo para ensaios teóricos que inspiram nossas análises até os dias de hoje, a leitura do Ensaio sobre a Dádiva (MAUSS, 2003) é obrigatória. Ou seja, sem grandes esforços sistemáticos de mapeamento do campo, percebemos que dinâmicas de trocas e circulações estiveram presentes no olhar analítico de estudiosos que se debruçavam sobre realidades sociais desde os primórdios de nossa disciplina, ainda que não tenham se convertido em modelos teóricos, ou mesmo incorporadas nestes.

Se começo minha reflexão resgatando o diálogo com autores de um período considerado clássico, o faço por duas

questões básicas. A primeira é pedagógica, ou seja, aprender com eles. Defendo que se queremos levar a sério o desenvolvimento e a transformação de nossa disciplina, deveríamos fazer mais do que tratar o passado como repositório de erros; ao invés disso, deveríamos nos engajar naquilo que é notável na genealogia de nossas ideias. Isto faz conexão com meu segundo ponto, aquilo que Trajano Filho (2012) chama de o “abuso do presentismo”, ou a suposição compartilhada por muitos estudos atuais de que o nosso tempo seria marcado pelos fluxos de gente, capital, mercadorias, símbolos e valores que nos libertam das teias locais de interação em oposição a um tempo passado que seria caracterizado pela quase total ausência de fluxos de longo alcance, pela repetição tediosa e pelo ritmo lento dos afetos face a face (:25-26).

Trajano Filho prossegue com seu argumento trazendo exemplos históricos para demonstrar que os movimentos têm uma existência muito mais longa do que a dos tempos atuais marcados pela globalização. Acrescento que um breve, porém cuidadoso, olhar sobre as análises feitas por antropólogos do passado nos auxiliam a colocar as coisas em perspectiva e a perceber que fluxos e circulações locais, regionais e globais não passaram despercebidos de nossos antecessores.

¹ Uma versão mais completa das reflexões aqui apresentadas foi previamente publicada em Lobo, 2012.

Por outro lado, não há como negar que as abordagens de hoje vêm ganhando novos tons. Parece que estamos diante de uma diferença de ênfase. Portanto, se o leitor concorda que o movimento foi incorporado ou percebido nos estudos clássicos aqui citados, também poderá observar que ele não constituiu o centro do debate (BRAZ DIAS & LOBO, 2012). Voltamos, assim, à minha primeira questão, sinalizando que talvez não tenhamos que responder por uma via ou por outra. Se, por um lado, as realidades sociais de hoje guardam suas especificidades e dinâmicas próprias, o olhar antropológico também se deslocou trazendo novas ênfases e novos aspectos sociais para o centro dos debates.

Caminhando para um tempo mais próximo de nós, a década de 1990 foi marcada por um conjunto de reflexões a respeito da nova era global. No que se refere à antropologia, alguns autores influentes nos estudos da globalização explicitam a percepção de que os fluxos de pessoas, capital, objetos materiais e valores não são exclusividade do mundo atual. Hannerz (1987), ainda na década de 1980, nos fala do mundo em crioulização e propõe, a partir da metáfora das culturas crioulas, pensar o movimento e a interação como aspectos estruturantes dos sistemas. Apresenta uma visão otimista em relação ao perigo da

homogeneização ao afirmar que o sistema mundial, ao invés de criar uma massiva cultura homogênea em escala global, está substituindo uma diversidade por outra, e a nova diversidade está baseada mais em inter-relações do que em autonomia.

No ano de 1997, dez anos depois da discussão de Hannerz, vimos a tensão entre homogeneização e diversificação reaparecer pela voz de Marshall Sahlins (1997) quando nos apresentou a noção de “indigenização da modernidade” – um jogo entre a integração global e a diferenciação local. Com esta noção, ele buscou refletir sobre a complexidade dos processos das sociedades que souberam extrair da sorte madrasta suas presentes condições de existência (:53). O autor é crítico quanto à versão moderna do mal de origem da antropologia – a tal disciplina dos objetos findos, agora sinalizando que a vida dos outros povos estaria desmoronando em função das visões globais da hegemonia ocidental.

Nesse mesmo ano, Hannerz (1997) publicou novo artigo com o objetivo de questionar o lugar da globalização na história das ideias antropológicas, e se pergunta sobre o que há de realmente novo em tudo isso. Suas preocupações recaem no vocabulário, no conjunto de termos que se pretendem conceitos, em distintos graus e intensidades, ou seja, ambicionam se tornar

ferramentas analíticas para pensar a modernidade com suas características intrínsecas. Termos como fluxos, limites, híbridos compõem este vocabulário que abrange o século XX e que liga continentes. Para o autor, o final dos anos de 1990 teria sido o período em que ocorreram mudanças profundas em nossa disciplina. Dando sequência a um forte contraste entre estabilidade e movimento, os estudos voltam-se para a urgência de captar a ação, a relação e a mudança e, mais recentemente, observamos a reconstrução do lugar do outro e a necessidade (justificada pelas “transformações do mundo”) de dar conta dos fluxos, das grandes escalas, dos múltiplos atores, das interconexões e dos atores diversos.

Percebo dois temas que perpassam as obras dos autores acima e que são de meu interesse aqui: 1. o desenvolvimento de uma reflexão que traça historicamente o nascimento e o desenvolvimento disto que virou um dos focos em nossa disciplina – dar conta de fluxos, circulações, dispersões e multiplicidades; 2. a elaboração de como a perplexidade diante do “mundo em mudança” ainda é a nossa. Cada um a seu modo questiona se o encantamento diante dessa mudança de “lugar” do outro (construída internamente à disciplina) nos acompanha e pauta nossos interesses de pesquisa ainda hoje. Em outras

palavras, estaríamos essencializando nossas realidades de pesquisa e “produzindo” fluxos? Esta é uma questão que não me precipito em responder, mas que nos leva para um dos meus objetivos aqui, pensar os desafios que esta mudança de ênfase apresenta ao nosso ofício quando estamos diante de contextos migratórios.

Migrações... seus prefixos, sufixos e adjetivações

O conjunto de estudos que podemos reunir sob a temática das migrações, podem ser divididos em diferentes fases ou formas de abordar tal fenômeno. Para sistematizar o desenvolvimento do campo brevemente ao leitor, ainda que correndo o risco de simplificar a diversidade das análises, sigo uma tendência mais ampla e sistematizo as três abordagens que marcariam o desenvolvimento dos estudos migratórios nas ciências sociais.

Temos um primeiro momento, com um recorte essencialmente utilitarista, que salientava a natureza dos fatores de atração e expulsão no contexto do desenvolvimento nacional. O processo migratório era isolado das causas estruturais que produzem a desigualdade entre o lugar de origem e de chegada colocando as causas, motivações e consequências do deslocamento no sujeito (*marginal man*). Além disso, as

dinâmicas de imigração nos contextos de recepção de imigrantes eram preponderantes e isoladas das dinâmicas de emigração. O foco era do imigrante como um problema.

Posteriormente, e como consequência desse enfoque, vemos o crescente interesse nas migrações laborais e fluxos de refugiados que se inserem na relação estrutural entre centros e periferias da economia capitalista mundial. Países emissores são os pós-coloniais e os receptores ocupam os graus mais altos na hierarquia político-econômica mundial. Essa visão tem a vantagem de considerar o fluxo inserido no contexto mais amplo da economia mundial, mas, em contrapartida, sofre a perda da dimensão dos sujeitos e suas possibilidades de manejar seu próprio destino dentro dessas determinantes. Migração como um problema tanto para a sociedade de destino, em que a nova população resiste a ser integrada, quanto para o país emissor que se vê impossibilitado de reter seus recursos humanos. O migrante figura como sujeito importante no fluxo de capitais para os países emissores, isso graças às remessas financeiras.

Como salienta Bálsamo (2012), apesar dos avanços², as duas perspectivas veem o processo fragmentado, ou do imigrante ou do emigrante – visão dual de um processo unidirecional e

hierárquico. Como crítica a essa desconexão na dinâmica migratória, surge como noção básica o conceito de espaço social transnacional e a percepção de que os movimentos transnacionais não se reduzem a uma viagem de partida e outra de regresso, mas em múltiplos fluxos e conexões. Nesse sentido, a partir dos anos 1990 os estudiosos tentam dar conta dos movimentos de circulação que incluem não só pessoas, mas bens culturais, informações e ideias. Além disso, há todo um acúmulo de reflexões que dão ênfase nos sujeitos, nas relações de gênero e poder e na capacidade dos sujeitos reinventarem os processos migratórios.

O sentido aqui é de romper com as imagens do imigrante como aquele que realiza permanentes rupturas, sendo sua dupla experiência a do abandono de velhos padrões de vida e o doloroso aprendizado de uma nova cultura e língua. Para estudiosos que partilham de uma perspectiva transnacional, os migrantes desenvolvem redes, atividades e padrões de vida e ideologias que extrapolam sua casa e sua sociedade de destino. No livro *Nations Unbound* (1994), Linda Basch, Nina Glick Schiller e Cristina Szanton Blanc se perguntam sobre como dar conta das trajetórias de migrantes que seriam “pessoas com os pés nas duas sociedades”. Nesse sentido as autoras tomam como tarefa o

² Destaque aqui para o estudo clássico de Sayad (1998)

desenvolvimento de uma estrutura analítica transnacional que englobe estes novos imigrantes cuja identificação de pertencimento é fugidia – com envolvimento simultâneos na vida social e política de mais de um estado-nação. A ideia é mapear a formação de um único campo social transnacional para dar conta dessa experiência social interconectada.

Seguindo uma crítica iniciada por Sayad (1998) ainda nos anos 70, essa nova perspectiva se pretende atenta às dinâmicas das práticas e representações dos imigrantes em relação com sua casa. Movimento que até então não se incorporava às análises que predominavam nos estudos de migração, uma vez que eram estudos muito focados na incorporação de imigrantes nas sociedades de chegada. Para as autoras, era chegada a hora de repensar as concepções do processo de migração, da incorporação de imigrantes e sua identidade.

A noção que embasa o movimento que passa do imigrante para o transmigrante (SCHILLER et al., 1995) é a de transnacionalismo, entendido como o processo pelo qual os imigrantes forjam e sustentam relações sociais múltiplas que ligam suas sociedades de origem e de destino. Para as autoras, a perspectiva do transnacionalismo permite enfatizar que muitos imigrantes constroem campos sociais que cruzam fronteiras e

limites geográficos, culturais e políticos. Imigrantes que desenvolvem e mantêm múltiplas relações – familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas – que extrapolam as fronteiras passam a ser, portanto, chamados de transmigrantes.

O elemento essencial é a multiplicidade de envolvimento que tais transmigrantes sustentam nas duas sociedades – estão envolvidos em redes de relações que os conectam simultaneamente a dois ou mais estados-nações (BASCH et al., 1994; SCHILLER et al., 1995; LEVITT & SCHILLER, 2004; FELDMAN-BIANCO, 2009). Tal definição permitiria analisar a experiência vivida e fluida de indivíduos que agem de formas que desafiam classificações prévias de espaço e identidade social. Nos permitiria ver as formas como eles são transformados por suas práticas transnacionais e como tais práticas afetam os estados-nações envolvidos nessa relação.

Nesse sentido, como corrente analítica contrária à definição de estados-nações em termos das pessoas partilhando uma mesma cultura num território limitado, surge uma nova concepção de estado-nação que inclui cidadãos que vivem fisicamente dispersos nos limites de outros estados-nações, mas que permanecem política, cultural e economicamente como parte

do estado-nação de seus ancestrais (BASCH et al., 1994; SCHILLER et al., 1995; LEVITT & SCHILLER, 2004; FELDMAN-BIANCO, 2009). E aí chegamos à segunda noção central para esta perspectiva teórica, a noção de desterritorialização. Segundo a perspectiva transnacional, a tal questão do pertencimento fugidio, ora aqui ora lá, ou do pertencimento múltiplo que caracterizaria a experiência transmigrante nos levaria a um campo social desterritorializado, transnacional.

E é nesse momento que volto às questões que me mobilizam no presente artigo, a questão do vocabulário. Uma concepção já antiga na antropologia é a do lugar como representação coletiva, sendo os nomes (como atos de fala de identificação) veículos importantes entre lugares e seus significados sociais – tal como nos lembra Trajano Filho (2010), lugares não são um dado, mas algo construído no seio das interações sociais. Sendo assim, sua espacialidade não deve ser confundida com territorialidade física e sim como um campo comunicativo.

Retomando o argumento do autor, o que dizer da desterritorialização se vemos os lugares e os pertencimentos como construções que são mobilizadas, mantidas, modificadas e

que não precisam ter concretude? Mais do que pontos fixos no espaço, lugares são redes imaginadas sob a forma de campos comunicativos cujo alcance é limitado pelas tecnologias de comunicação disponíveis, pelos valores da cultura e por constrangimentos da estrutura social (TRAJANO FILHO, 2010). Vendo assim, parece que nos livramos da ideia de que os grupos estudados por antropólogos estão necessariamente ligados a localidades circunscritas A ou B, mesmo as comunidades de diáspora mantêm, pela memória ou ação cotidiana, vínculos com um lugar a despeito dos deslocamentos (2010:17).

O que pretendo deixar como reflexão, a partir da discussão acima é que, ainda que reconhecendo os avanços da perspectiva transnacional, precisamos estar atentos aos processos de adjetivação do conceito de migrante, bem como a inserção de morfemas que se juntam às palavras a fim de formar novas palavras, os prefixos e os sufixos. Tais procedimentos analíticos, mascarados por novas roupagens, podem acabar por produzir um sentido de novidade que, se por um lado nos faz avançar por outro pode nos dar um conforto ilusório de estar apreendendo a complexidade do real. No caso dos estudos migratórios, saímos de uma perspectiva utilitarista e dual para perceber as multiplicidades que o fluxo migratório abarca. Na minha opinião,

resta ainda nos desacorrentarmos do conceito de migração com seus adjetivos, prefixos e sufixos e buscar novas alternativas analíticas para dar conta da complexidade interna a este fenômeno – intuo que o melhor caminho é o da etnografia densa.

É nesse sentido que a proposta que dá contorno aos trabalhos que integram esse dossiê é a de considerarmos os fluxos de pessoas menos como características essenciais das realidades que estudamos e mais como ferramentas metodológicas para pensar tais realidades, dito de outra forma, acessar contextos empíricos pela via da circulação permite uma entrada diferenciada na pesquisa, novas questões e, quem sabe, a superação de dualidades típicas das análises correntes. Por fim, defendo que esta via de acesso não coloca em questão a importância da etnografia. O que os bons estudos no campo dos fluxos e das circulações têm demonstrado é que o caminho não mudou: ainda é pelo trabalho de campo prolongado e pela formulação de etnografias densas que conseguimos dar conta da complexidade dos encontros e das inter-relações neste mundo em fluxos. Felizmente, não há atalhos.

O Dossiê

Os artigos aqui reunidos são fruto do empenho de jovens estudantes de graduação que buscaram construir um olhar sobre situações diversas a partir de categorias transversais como fluxos, circulação, migrações, refúgio. O desafio de olhar para realidades em que pessoas estão em circulação é o que dá unidade aos trabalhos em sua diversidade de focos empíricos. Reinterpretando material etnográfico já coletado, empreendendo novas pesquisas de campo ou se debruçando em material fílmico estes graduandos do curso de Ciências Sociais da Universidade de Brasília, sob minha orientação no curso “Tópicos Especiais: Antropologia das migrações”, no segundo semestre de 2017, produziram trabalhos cuja qualidade da análise e cadência dos universos investigados os tornaram de interesse para um público maior.

Os seis artigos que compõem o dossiê se dividem em exercícios analíticos a partir de pesquisas próprias (Bárbara Carvalho, Nathália Ubialli, Beatriz Ribeiro e Vinícius Venancio) e reflexões inspiradas nas imagens sobre migrações e refúgio produzidas pelo cinema (Daniel Marinho e Bárbara Cruchello). Refletindo a diversidade das dinâmicas dos fluxos de pessoas, temos estudos sobre descendentes de coreanos e refugiados sírios em Brasília, mulheres indígenas em Manaus e diáspora cabo-verdiana. A temática do refúgio é analisada também a partir dos

filmes “Monsieur Lazhar. O que traz boas novas” e “Lesbos, a ilha da solidariedade”. Abdelmalek Sayad (1998) foi o autor que fortemente inspirou estes jovens pesquisadores a se aventurar pela difícil e deliciosa aventura de fazer etnografia, ou seja, acessar realidades empíricas e lê-las pelas lentes dos diálogos teóricos. Fica ao leitor, o convite para se aventurar juntamente conosco.

Agradeço às turmas de graduação e pós-graduação da disciplina de migrações, que toparam o desafio de construir diálogos a partir da proposta do curso, se dedicaram às leituras e à produção de ricos trabalhos ao final. O espaço da sala de aula é, sem dúvida, um dos mais profícuos para pensar sobre nossas pesquisas e possibilidades analíticas, pois é um momento de diálogo que, se encarado horizontalmente, ensina a todos, professores e estudantes. Finalmente, agradeço à equipe da Revista Textos Graduados por abrigar tal projeto que torna possível que as experiências em sala de aula, seus diálogos e as consequentes produções de pesquisadores-estudantes ganhem o mundo!

Referências bibliográficas

BÁLSAMO, Pilar. Diáspora africana e navios de carga na modernidade: um estudo das migrações irregulares desde a África

Ocidental ao Cone Sul In: BRAZ DIAS, J. e LOBO, A. (orgs.) *África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações. 2012. p. 209-234.

BASCH, Linda; Schiller, Nina Glick & Blanc, Cristina Szanton. *Nations Unbound. Transnational projects, postcolonial predicaments and deterritorialized nation-states*. Langhorne: Gordon & Breach, 1994.

BRAZ DIAS, Juliana & LOBO, Andréa. Sobre fluxos e(m) contextos africanos. In: DIAS, Juliana & LOBO, Andréa (orgs.). *África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 09-22.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de Consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1990.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Reinventando a Localidade: Globalização heterogênea, escala da cidade e a incorporação desigual de migrantes transnacionais. *Horizontes Antropológicos*, 15(31): 19-50. 2009.

HANNERZ, Ulf. The world in creolisation. *Africa*, v. 57, n. 4, p. 546-59, 1987.

_____. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, v. 3, n. 1, p. 7-49, 1997.

LEVITT, Peggy and SCHILLER, Nina Glick. Conceptualizing Simultaneity: A Transnational Social Field Perspective on Society, *International Migration Review*, Vol. 38, No. 3, (pages 1002–1039). 2004.

LOBO, Andréa. Fluxos, desafios ao fazer antropológico? In: ____ (org.) *Entre Fluxos*. Brasília: EdUnB, 2012. p. 09-28.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do pacífico ocidental*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1976 [1922].

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 [1925]. p. 183-314.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a Experiência Etnográfica: porque a cultura não é um “objeto” em via de extinção. *Mana*, v. 3, n. 2, p. 103-150, 1997.

SAYAD, Abdelmalek. 1998. A Imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Edusp.

SCHILLER, Nina G., BASCH, Linda & BLANC, Cristina. From immigrant to transmigrant: theorizing migration. *Anthropological quarterly*, 68(01): 48-63. 1995.

TRAJANO FILHO, Wilson. Introdução. In: ____ (org.) *Lugares, Pessoas e Grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional*. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010. p. 07-27.

_____. A África e o Movimento: reflexões sobre os usos e abusos dos fluxos. In: BRAZ DIAS, Juliana & LOBO, Andréa (orgs.). *África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 23-45.